

Think tanks da nova direita e suas estratégias de cooptação: o caso do programa Imil (Instituto Millenium) na sala de aula

Think tanks of the new right and its cooptation strategies: the case of the program Imil (Instituto Millenium) in the classroom

*Eduardo Carvalho Ferreira**

Resumo: neste começo de século temos acompanhado no Brasil um movimento crescente de constituição de think tanks situados à direita do espectro político e que se dedicam à formação de ativistas alinhados com a promoção de valores liberais, como a afirmação do individualismo, o direito de propriedade, a economia de mercado, a redefinição do papel do Estado, a meritocracia, a eficiência. Este é o caso do Instituto Millenium, objeto deste artigo, que mesmo tendo uma filiação mais próxima do campo econômico, nos últimos anos tem estreitado seus laços com as Instituições de Ensino Superior ao organizar e participar de mesas, eventos e encontros para emitir seu posicionamento ideológico por meio de seus articulistas. Por essa razão, neste artigo, tentaremos entender essa aproximação e mostrar como esta organização e sua rede tem se movimentado para promover seus valores e difundir sua missão. Especificamente, analisamos o programa Imil na sala de aula. Conclui-se que este programa faz parte da tática de expansão ideológica do Instituto Millenium, cuja meta é a formação de novos quadros militantes e lideranças políticas oriundas das fileiras universitárias e comprometidas com a causa da nova direita liberal-conservadora brasileira.

Palavras-chave: Think tanks. Instituto Millenium. Pensamento liberal-conservador. Nova direita. Formação de Lideranças.

Abstract: in the beginning of this century we have seen in Brazil a growing movement of think tanks creation on the right wing of the political spectrum, which are dedicated to training activists infused with liberal values such as the affirmation of individualism, property rights, market economy, the redefinition of the State role, meritocracy and efficiency. This is the case of Instituto Millenium (Millenium Institute) which is this article's object. Although most of its activities are developed in the economic field, in the last years it has been drawing near to Higher Education Institutions organizing and participating in panels, events and meetings to publicize its ideological stance through its debaters. Thus, in this article we try to understand this approximation and show how this organization and its network has been moving to promote their values and spread their mission. Specifically, we analyze the program 'IMIL in the classroom'. We may conclude this program is part of the tactic of ideological expansion of Instituto Millenium, which aims at the formation of new militants and political leaders from university students who are committed with Brazilian liberal-conservative new right's cause.

Keywords: Think tanks. Instituto Millenium. Liberal-conservative thinking. New right. Leadership training.

* Professor Contratado III do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação da FEUSP. E-mail: socio_edu@hotmail.com

Introdução

Neste início do século XXI temos acompanhado no Brasil um movimento bastante particular de disputa política e ideológica da qual decorre um fenômeno relativamente novo: a consolidação de think tanks comprometidos com as causas de alguns segmentos da chamada nova direita¹, que segundo Michael Apple (2002) pode ser definida como um novo bloco de poder, que combina múltiplas frações de capital comprometidas com soluções neoliberais mercantilizadas, intelectuais neoconservadores, fundamentalistas religiosos populistas e autoritários, e determinadas frações de profissionais da nova classe média comprometidas com a sempre renovada ideologia do gerencialismo². Para nós, tal movimento tem características bastante particulares e ambíguas, algo típico do fenômeno neoconservador, haja vista que ao mesmo tempo são herdeiros legítimos dos antigos Institutos Liberais da velha direita brasileira (GROS, 2003; ROCHA, 2015), mas que agora buscam construir novas estratégias e ocupar outros espaços para difundir suas ideias, no intuito de se estabelecer definitivamente como referência intelectual e formadora de opinião dos quadros emergentes de parcela significativa da juventude brasileira.

Quadro 01 – Algumas diferenças entre a velha e a nova direita brasileira

Velha Direita	1) ligação com as ditaduras militares; 2) defesa radical da não intervenção do Estado na economia; 3) defesa da moral cívica e da família tradicional.
Nova Direita	1) liberalismo econômico, com intervenção limitada do Estado na economia para garantir igualdade de oportunidades; 2) defesa da democracia; 3) defesa radical dos valores da família tradicional.

Fonte: Codato, Bolognesi & Roeder, 2015, p. 127.

Isto é, se antes, organizações desta natureza eram “[...] intermediadores entre a academia, a sociedade e os formuladores de políticas públicas. Os think tanks da nova direita não são assim. A forma de organização e a distribuição de gastos deles mostra isso” (MORAES, 2015, p. 235). Nesse sentido, faz-se importante discutir alguns dos fundamentos, o modo de atuação e as consequências da entrada destas organizações na vida pública do país. Segundo Denise Gros (2004), o período que se iniciou com a redemocratização política pós-ditadura militar proporcionou o ambiente adequado para o surgimento e a atuação destes think tanks ideológicos

¹ É preciso ressaltar que a existência dessa nova direita atuante no Brasil ainda é tratada em muitos trabalhos como hipótese.

² No sentido de Ball (2005, p. 544), o “[...] gerencialismo tem sido o mecanismo central da reforma política e da reengenharia cultural do setor público”.

voltados à defesa dos interesses de algumas frações da burguesia nacional. Tais organizações têm se comportado, na maioria das vezes, como *advocacy's think tanks*, haja vista que sua atuação especializada se destaca, sobretudo, pela defesa ativa de certas bandeiras políticas e sociais, e pela produção de *lobbies* em torno de suas pautas. De concreto, sabe-se que algumas destas organizações, especialmente, as que vivem a custa do empresariado brasileiro, têm mobilizado muitos recursos para construir linguagens e metodologias sofisticadas para difundir seus ideais e prioridades, geralmente construídos em consonância com uma agenda estabelecida pelos Institutos, Fundações e Think tanks internacionais da mesma linhagem.

Já temos em nosso país alguns exemplos desta lógica, ainda que o crescimento destes think tanks ativistas da nova direita – se assim podemos defini-los – seja recente no Brasil. Este é o caso do Instituto Millenium, objeto deste artigo, que mesmo tendo uma filiação mais próxima do campo econômico, nos últimos anos tem estreitado seus laços com as Instituições de Ensino Superior ao organizar e participar de mesas, eventos e encontros para emitir oficialmente certo posicionamento ideológico através de seus articulistas. Por essa razão, neste artigo, tentaremos dar uma ideia de como esta organização e sua rede tem se articulado para promover seus valores e difundir sua missão a partir de um dos seus programas, o “Imil na sala de aula”, cujas ações buscam o deslocamento de poder e a reconversão ideológica, a fim de propor mudanças bastante radicais, que embora lamentáveis, permitem ao campo crítico a oportunidade de reflexão e de resistência.

Metodologia

Conforme dito na seção anterior, neste artigo trataremos de um estudo de caso. A investigação proposta tem como escopo a compreensão das diretrizes do programa “Imil na sala de aula” e de suas estratégias de formação, a fim de conjecturar sobre os seus possíveis interesses políticos e ideológicos. A hipótese é que o Instituto Millenium, cujo quadro de articulistas é composto por intelectuais liberais, empresários, formadores de opinião e tipos variados de neoconservadores, alguns emergentes e outros já bastante conhecidos, busca se organizar como uma força dentro da sociedade civil e, por isso, tem se destacado por advogar radicalmente em causa da construção de uma agenda política mais próxima do mercado e do aprofundamento de um tipo de “Estado de bem-estar empresarial” (CARVALHO, 2018, p. 157). Por essa razão, é que o Instituto aposta em um programa de formação como o “Imil na sala de aula”, tido como uma tática de expansão ideológica, cuja meta é a formação de novos quadros militantes e lideranças políticas oriundas das fileiras universitárias.

A coleta dos dados foi feita a partir das informações disponibilizadas no *site* da própria organização, sendo que só entraram na análise os eventos realizados em IES. O tratamento dos dados, as estatísticas e a confecção das tabelas e gráficos foram realizadas com o auxílio dos *softwares* SPSS e Excel. Ademais, a discussão teórica foi subsidiada pela literatura sobre os think tanks e suas formas de atuação, além das referências que concernem ao debate focado na constituição de uma nova direita e do

neoconservadorismo no Brasil. Metodologicamente, a partir da justaposição dos dados levantados, em primeiro lugar, buscamos explorar os princípios que estruturam o Instituto e a natureza de suas ações. Em segundo, tratamos de apresentar a composição dos agentes, instituições e temáticas envolvidas nas intervenções propostas pelo programa em questão. Tudo isso para problematizar as potenciais implicações do programa Imil na sala de aula para o jogo político estabelecido no Brasil.

Entra em cena o Instituto Millenium

“O Instituto Millenium promove a democracia, a economia de mercado, o Estado de Direito e a liberdade. É uma referência na divulgação de valores que geram prosperidade e desenvolvimento humano para o Brasil” (Quadro 02). A passagem em destaque, retirada da carta de princípios disponibilizada no site da organização, reflete bem o tipo de vinculação ideológica a que se destina esta “célula neoconservadora de agitprop”, expressão oportuna usada por Reginaldo C. Moraes (2015) para se referir aos think tanks e front groups da nova direita liberal americana, mas, que já pode ser aplicada por aqui para pensarmos na expansão dos centros de propaganda e agitação idealizados e financiados por empresários brasileiros, sobretudo, os que emergiram após os governos Lula e Dilma, membros do Partido dos Trabalhadores.

Quadro 02 – Códigos do Instituto Millenium

Missão	Promover a democracia, a economia de mercado, o Estado de Direito e a liberdade.
Visão	Ser referência e agente de divulgação de valores para melhorar a prosperidade e o desenvolvimento humano.
Valores	Estado de Direito, Liberdades individuais, Responsabilidade individual, Meritocracia, Propriedade privada, Democracia representativa, Transparência, Eficiência, Eficácia e Efetividade, Igualdade perante a Lei.

Fonte: *site* do Instituto Millenium.

É bem verdade que já existiam, de longa data, think tanks desta natureza no Brasil. Entretanto, o momento decisivo, tal e qual já havia acontecido nos Estados Unidos nos anos 1970 e 1980, foram os rumos tomados pelo cenário político e ideológico brasileiro durante os anos 1990, que foi progressivamente criando as

condições para a existência de uma rede de front groups ideológicos (GROS, 2003; ROCHA, 2015), que se expandiu diante das forças políticas e do jogo institucional estabelecido na primeira metade dos anos 2000, fazendo com que este movimento adquirisse novos contornos e dimensões, “[...] precisamente com a emergência de organizações neoconservadoras. Esses think tanks foram criados por um grupo seletivo e radical de líderes corporativos” (MORAES, 2015, p. 233). O próprio Instituto Millenium, fundado em 2005, pela economista Patrícia Carlos de Andrade, com o nome de Instituto da Realidade Nacional e oficialmente lançado em abril de 2006, durante o Fórum da Liberdade, em Porto Alegre, é fruto deste contexto.

Segundo Camila Rocha (2015, p. 273), o ciclo político e econômico em curso a partir de 2002 foi o disparador de um deslocamento de poder que reduziu o grau de interferência de certos grupos ligados ao Estado brasileiro nos anos 1990, fato que colocou o campo neoconservador diante da necessidade de constituir uma nova oposição midiática, intelectual e militante para fazer frente à agenda trabalhista e a popularidade do governo Lula, e depois de Dilma. Dessa forma, a partir dos anos 2000, o panorama do envolvimento de frações do empresariado – e do terceiro setor – com a sociedade brasileira mudou sobremaneira, pois acompanhou-se grande esforço destes, com o emprego de muitos recursos para mobilizar a opinião pública e intelectual em prol de seus interesses, tanto que suas organizações passaram a adotar linhas estratégicas de atuação bastante distintas de outros períodos. O cenário desfavorável demandou a criação de mecanismos para modelar o ambiente geral da agenda política e econômica. Daí a proeminência dos think tanks ativistas e dos *front groups* desta parcela da nova direita brasileira.

No afã de responder a certa guinada à esquerda e também à velha direita, estas organizações se reorganizaram e passaram a apresentar feições e composições bastante distintas, atuando em diferentes frentes e aplicando novos métodos, mesmo que seus princípios e missões ainda sejam compatíveis e supervalorizem velhas verdades do campo conservador, tais quais aquelas impregnadas pelos discursos de “sociedade livre” e “democracia de mercado”. Assim, começaram a construir estratégias no âmbito da sociedade civil que miravam a constituição de peças de propaganda capazes de massificarem seus propósitos, abrindo novos espaços de divulgação para atrair futuros entusiastas e lideranças.

[...] a maior parte dos recursos materiais e humanos desses think tanks “ativistas” não são empregados na produção de pesquisas “independentes” que subsidiem a formulação, adoção ou o abandono de políticas públicas, mas sim na formulação de resumidas análises de conjuntura, materiais de marketing e demais estratégias de comunicação direcionadas a grupos políticos específicos, grandes veículos de mídia e à opinião pública que favoreçam políticas públicas que sejam condizentes a priori com sua orientação ideológica. (ROCHA, 2015, p. 265)

Nesta conjuntura, ao radicalizarem sua forma de atuação, estes think tanks ideológicos de parte da nova direita brasileira passaram a compor deliberadamente junto a certos meios de comunicação historicamente comprometidos com a mesma causa, uma força política essencial na construção de pautas, questões e chamamentos à sociedade, além de uma forma peculiar de organização e representação de classe. É

peculiar ao passo que a “geografia de sua atuação”, como bem disse Reginaldo C. Moraes (2015, p. 240), tem sido *cambiada* mediante o emprego, na maioria dos casos, de estratégias que buscam atrair agentes constituídos no âmbito da sociedade civil e, principalmente, sem pretensões eleitorais. Este último aspecto talvez ajude a explicar a crescente empatia para com estas organizações em tempos de descrença na política partidária e de despolitização em geral.

A ingerência destes think tanks tem sido decisiva nos últimos anos, sobretudo, em relação à reconstrução de um imaginário conceitual neoconservador no Brasil e na desconstrução de toda e qualquer tentativa de concretização de alternativas progressistas em todos os terrenos da vida política, econômica e social, haja vista a diversificação de suas ações de agitação, táticas de espraiamento e intervenções midiáticas. Para defender certos interesses frente ao Estado e à sociedade, e fazer número junto às suas antigas instituições corporativas patronais, o empresariado tem recrutado cada vez mais forças intelectuais e militantes através destas associações que visam a expressar suas “preocupações” com os problemas nacionais. Como exemplo disso, vejamos o que diz a Carta de Princípios disponível no *site* do Instituto Millenium:

O Instituto Millenium defende políticas públicas que resolvam problemas reais da nação brasileira. Tem a missão de se tornar referência e agente de divulgação de soluções para a sociedade brasileira, baseadas em visão pragmática de assuntos públicos de governo, política, economia, sociedade e cultura. Cumprirá sua missão por seus próprios méritos, por meio do prestígio e integridade profissional de seus autores, documentação rigorosa de suas pesquisas e um processo de avaliação de resultados que assegure a qualidade de seus produtos. (INSTITUTO MILLENIUM, s/d)

Por terem boa parte dos seus aportes financeiros garantidos por doações de importantes mantenedores ligados a grandes grupos econômicos, os think tanks ideológicos costumam se constituir como “entidades culturais” e/ou “Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP)”, quase sempre exaltando o fato de não serem lucrativas e/ou partidárias, de forma a garantir sua pregação e atividade política sem ter que prestar contas à sociedade, agindo quase que clandestinamente. Essa mensagem fica bastante evidente com o exposto na seção “Quem somos” do *site* do próprio Instituto Millenium:

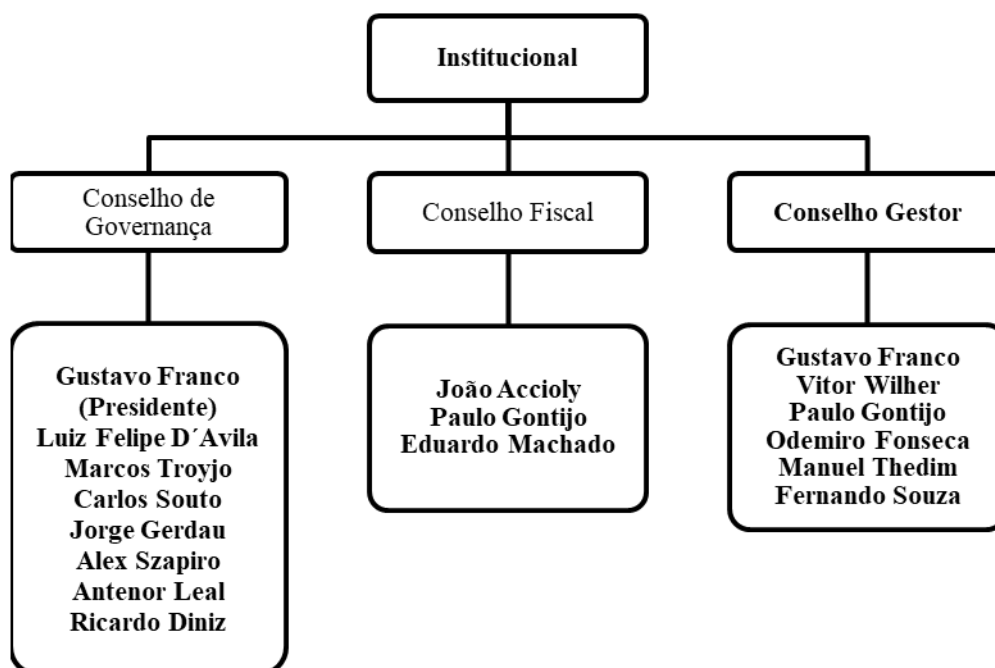
[...] é uma entidade sem fins lucrativos e sem vinculação político-partidária com sede no Rio de Janeiro. Formado por intelectuais e empresários, o think tank promove valores e princípios que garantem uma sociedade livre, como liberdade individual, direito de propriedade, economia de mercado, democracia representativa, Estado de Direito e limites institucionais à ação do governo. O Imil é mantido pela contribuição de pessoas físicas e jurídicas de direito privado, sem receber verbas públicas. Observa as mais rigorosas regras de governança, contando, inclusive, com auditoria externa para que não haja conflitos de interesse e a organização possa manter sua independência e credibilidade. [...] Em dezembro de 2009, o Imil recebeu a certificação de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), outorgado pelo Ministério da Justiça sob o número 08071.020869/2009-95. A titularidade representa o reconhecimento como uma entidade que defende interesses públicos e, principalmente, valores e princípios democráticos que pautam o desenvolvimento do país. (INSTITUTO MILLENIUM, s/d)

Prossegue-se dizendo que:

Por meio de seminários, palestras e encontros realizados por todo o país, do contato com a imprensa e a publicação de análises diárias no portal, o Imil apresenta alternativas para problemas-chave do país e fomenta o debate com as diversas vozes da opinião pública, contribuindo, assim, para o desenvolvimento nacional. (INSTITUTO MILLENIUM, s/d)

Isto é, não se trata de uma atuação isenta, ao contrário, buscam construir explicitamente um espaço de luta que permita alcançar o duplo objetivo manifesto de “doutrinação ideológica entre as elites brasileiras, especialmente aqueles segmentos considerados formadores de opinião – universitários, jornalísticos, políticos, militares, jurídicos e intelectuais em geral; e formulação de estudos e propostas de projetos de políticas públicas de cunho liberal” (GROS, 2003, p. 276), dando vazão a um projeto ambicioso de sociedade que vem sendo gestado há muito tempo no Brasil. Por essa razão, a entrada no espaço acadêmico se coloca como uma estratégia relevante, o que acaba justificando, no caso do Instituto Millenium, a vitalidade do financiamento de atividades junto a estudantes de graduação, por entenderem o quão essencial se torna “desenvolver ‘matéria-prima intelectual’, convertê-la em produtos específicos (propostas de políticas), fazer o seu marketing e distribuição” (MORAES, 2015, p. 245).

Figura 01 – Estrutura organizacional do Instituto Millenium



Fonte: *site* do Instituto Millenium (elaboração própria do autor).

Quadro 03 – Fundadores e mantenedores do Instituto Millenium

Câmara de Fundadores	Câmara de Mantenedores
Antônio Carlos Pereira	Antônio Carlos Pereira
Carlos Pio	Armínio Fraga
Carlos Souto	Bernardo Bonjean
Eduardo Viola	Daniel Feffer
Fabio Barbosa	Eduardo Machado
Fernando Saldanha	Jayme Garfinkel
Guilherme Fiuza	João Accioly
Gustavo Franco	João Roberto Marinho
Gustavo Marini	Jorge Gerdau Johannpeter
Héctor Leis	José Carlos de Salles
Hélio Beltrão	Gomes Neto
Henrique Meirelles	Maria Stella Damha
João Accioly	Nelson Sirotsky
Jorge Maranhão	Pedro Henrique Mariani
Luiz Eduardo Vasconcelos	Pedro Neves
Luiz Felipe D'Ávila	Raquel Otranto
Marcos Troyjo	Ricardo Diniz
Maria José Queiroz	Salo Seibel
Patrícia Carlos de Andrade	Walter Longo
Paulo Guedes	William Ling
Paulo Gontijo	
Rodrigo Constantino	

Fonte: *site* do Instituto Millenium (elaboração própria do autor).

Quadro 04 – Patrocinadores do Instituto Millenium

Grupo Líder	Grupo Associado	Grupo Apoio	Programa Nacional
Gerdau S. A.	Editora Abril Bank of America Merrill Lynch Évora Holding Company	Grupo RBS Grupo M&M	Central 24h Porto Seguro

Fonte: *site* do Instituto Millenium (elaboração própria do autor).

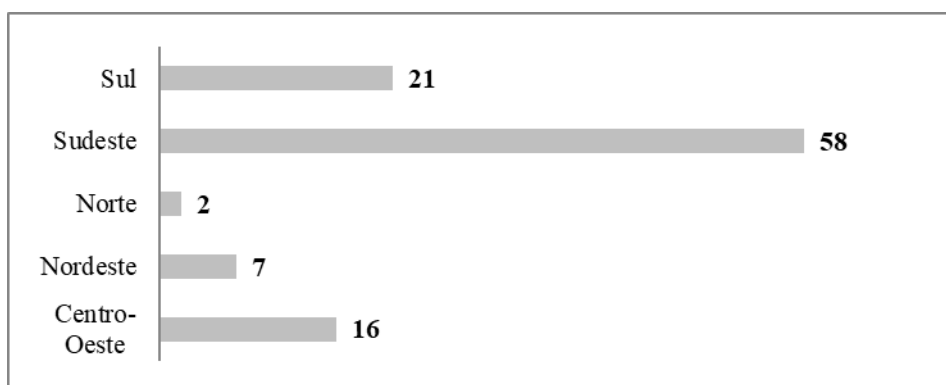
A composição do programa “Imil na sala de aula”

“Transformar a sala de aula em um espaço aberto à discussão de valores como liberdade, democracia, Estado de Direito e economia de mercado”, foi assim que o Jornal O Globo, de 21/11/2011, descreveu o objetivo do programa Imil na sala de aula. Mirando o público formado por estudantes de cursos de graduação, tal programa existe desde o ano de 2011 e já realizou 120 edições até outubro de 2018, a partir de encontros solicitados por estes junto aos especialistas e colaboradores, que fazem parte da rede do Instituto Millenium, que não cobra nada pela oferta. No *site* do Instituto, na seção “Millenium ensina”, encontra-se a seguinte resenha sobre o programa:

Discutir com os jovens valores como liberdade, Estado de Direito, economia de mercado e democracia é o principal objetivo do projeto “Imil na sala de aula”. Através do contato direto com alunos e professores de instituições de ensino superior, públicas e privadas, o Instituto Millenium promove encontros entre especialistas de sua rede e alunos dos cursos de graduação. (INSTITUTO MILLENIUM, s/d)

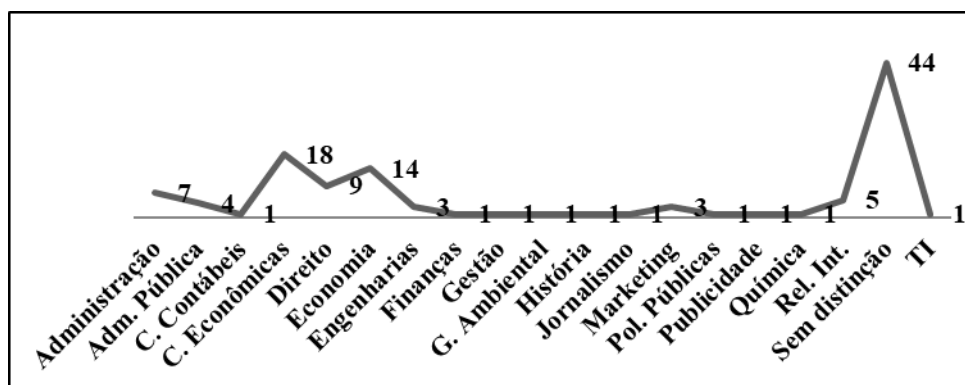
Nota-se que a preocupação central é a proposição de um tipo de formação alinhada com o discurso da criação de “[...] uma nova consciência e sensibilidade social com o direito a educação” (SHIROMA, GARCIA & CAMPOS, 2011, p. 226). Em um *podcast* postado no *site* do Imil em outubro de 2018, Priscila Pereira Pinto, diretora executiva do Instituto, declara que o mote para a criação do programa foi à necessidade de intervir em “currículos muito fechados, pouco reflexivos e com pouco debate”, o que para ela reforça a importância do projeto como “multiplicador de conhecimento e espaço privilegiado para especialistas e estudantes refletirem sobre os assuntos em pauta no Brasil e no Mundo”. Esta fala é bastante esclarecedora e não deixa dúvidas de que com este programa o Instituto Millenium pretende alocar recursos humanos e financeiros a serviço de uma mudança, que vai muito além da simples abertura dos currículos, pois a meta parece ser o fortalecimento da nova pedagogia da hegemonia (NEVES, 2005).

Do total das conferências realizadas, 104 aconteceram em IES, sendo o restante localizado em outros espaços, tais quais *business schools* ou similares. Acerca da natureza das IES onde foram realizados os eventos, considerando as repetições dos locais, observa-se a ocorrência de 22 IES públicas (48%) e 24 IES privadas (52%). O Gráfico 01 sendo mostra que a maior concentração dos eventos é na região Sudeste, especialmente nos estados do Rio de Janeiro e em São Paulo. Nas regiões Sul e Centro-Oeste também se verificam grande interesse, sobretudo, nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul.

Figura 02 - Distribuição por região

Fonte: *site* do Instituto Millenium (elaboração própria do autor).

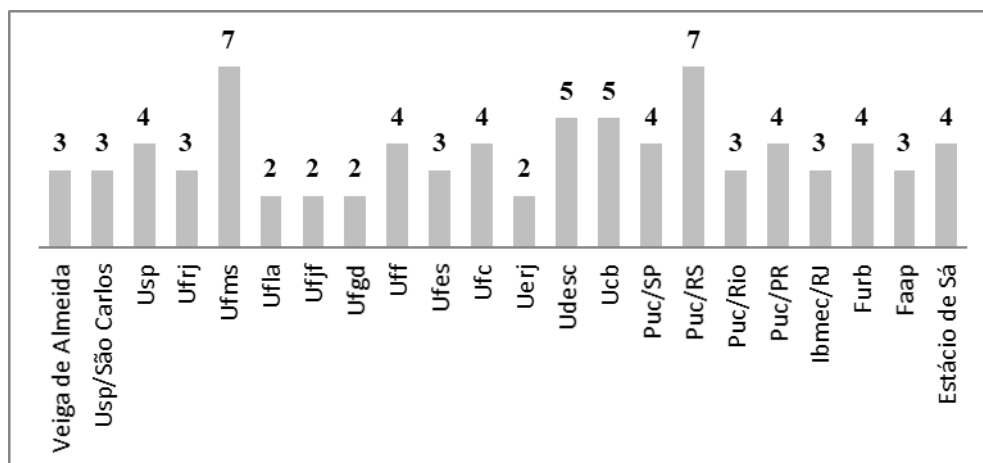
Sobre a ocorrência das conferências por curso de graduação e a entrada do programa nas Universidades e Faculdades, os dados apresentados no Gráfico 02 mostram que no início do programa a predominância era dos cursos ligados às Ciências Econômicas (27%), Administração (9%) e Direito (8%), mas convém destacar que nos últimos anos o crescimento se deu em eventos sem destinação específica de público alvo (38%), onde os estudantes foram selecionados por mérito ou voluntariamente, o que insinua uma possível diversificação do perfil dos interessados.

Figura 03 – Ocorrência por curso de graduação

Fonte: *site* do Instituto Millenium (elaboração própria do autor).

Observa-se também que a distribuição das conferências por IES apresenta certa recorrência da demanda em determinadas instituições, o que pode indicar a existência de grupos de interesse já constituídos nestes espaços de produção acadêmica, com destaque para a UFMS e PUC/RS com 07 conferências cada. No Gráfico abaixo estão representadas as IES que realizaram dois ou mais eventos.

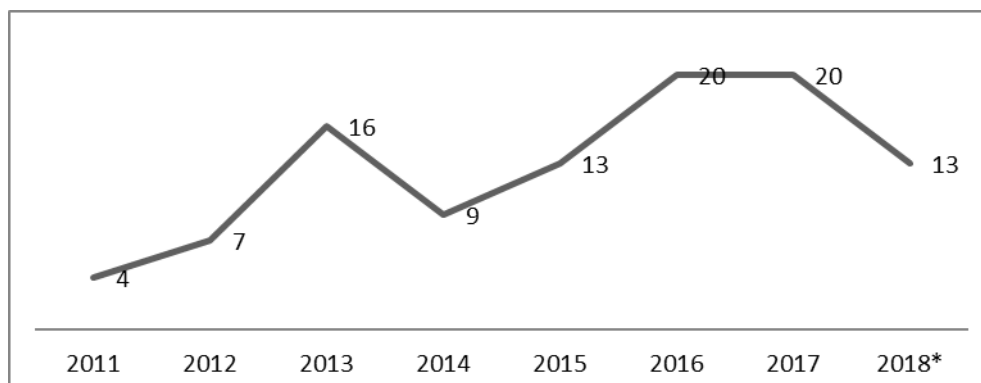
Figura 04 – Ocorrência por IES



Fonte: *site* do Instituto Millenium (elaboração própria do autor).

A análise dos dados mostra também um crescimento importante da demanda pelo programa no primeiro triênio desde a fundação do Imil, sobretudo, no ano de 2013. Talvez esta decolagem se deva ao fato de o Instituto Millenium ter mudado seu patamar de atuação a partir de 2012, com a criação de projetos que buscaram facilitar a aproximação com importantes grupos de formadores de opinião. Ainda que tenhamos observado uma queda de 2013 para 2014, a partir deste momento há uma progressão importante nos anos seguintes, atingindo o pico em 2016.

Figura 05 – Frequência ano a ano



Fonte: *site* do Instituto Millenium. Ref. outubro/2018 (elaboração própria do autor).

Isso pode ser explicado pela participação efetiva que o Imil teve na mobilização de campanhas pelo *impeachment* de Dilma Rouseff. Sabe-se que boa parte da preparação ideológica diante da crise política ficou a cargo dos think tanks e movimentos da nova direita, cuja massificação da propaganda contra o PT e a esquerda fora decisiva. O sucesso eleitoral de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018 também tem relação com esse fato, não só por se apoiar no antipetismo, mas por abraçar o liberalismo propagado pelo Imil através de um de seus fundadores, o economista Paulo Guedes, consultor do candidato à presidência. Diante de tal

evidência fica mais um questionamento acerca dos riscos deste tipo de estímulo ao “conservadorismo liberal ou liberalismo conservador” (CAVALCANTE, 2015, p. 192) crescente no Brasil diante do cenário inflexivo que advém da chamada polarização política.

No que concernem às temáticas abordadas nas conferências (Tabela 01), a análise revela algumas tendências, haja vista a maior ênfase dada aos temas relacionados com um tipo de narrativa sobre o Estado e a economia baseada em ideais meritocráticos e na aversão à justiça social. Considerando o cálculo da moda, o tema mais recorrente foi “Conjuntura econômica” (22,1%), seguido por Empreendedorismo” (12,7%), “Reformas” (7,9), “Crise” (5,9%) e Liberdade individual (4,9%). Ao passo que temáticas como Democracia (2%), Direitos Humanos (1%), Desigualdades (1%) e Cidadania (1%) têm pouca incidência.

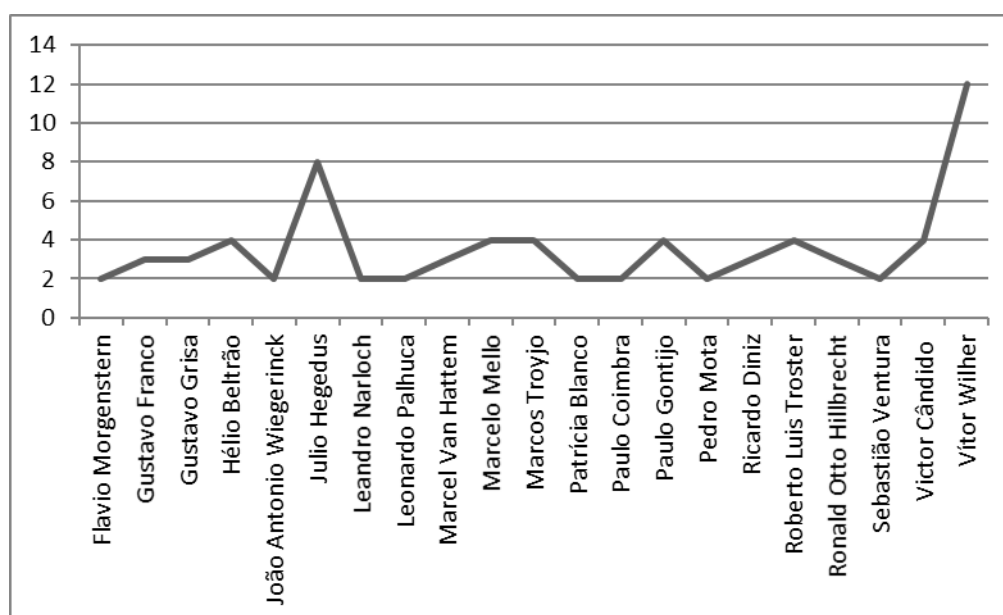
Tabela 01 – Distribuição das temáticas (tabela reduzida)

Temáticas	Frequência	Percentual
Burocracia	1	1,0
Capitalismo de Estado	2	2,0
Cidadania	1	1,0
Crescimento Econômico	3	2,9
Crise	6	5,9
Conjuntura econômica	23	22,1
Democracia	2	2,0
Desenvolvimento	5	4,9
Desigualdades	1	1,0
Direito	2	2,0
Direitos Humanos	1	1,0
Educação	3	2,9
Empreendedorismo	13	12,7
Escola Austríaca	3	2,9
Estado de Direito	2	2,0
Liberalismo	3	2,9
Liberdade	5	4,9
Mercado Financeiro	3	2,9
Meritocracia	1	1,0
Políticas Públicas	2	2,0
Reformas	7	6,9

Fonte: *site* do Instituto Millenium (elaboração própria do autor).

A hierarquização das temáticas demonstra com clareza o viés economicista do programa e também sua filiação ideológica, ainda que internamente possa haver algum conflito entre grupos com visões divergentes sobre o que seja uma sociedade justa, por exemplo. Conquanto, é preciso destacar que a despeito da manifestação de interesse pelo programa e o primeiro contato com o Imil partir em muitos casos dos estudantes, quem define a temática e o articulista é o próprio Instituto. Na Figura 06 foram listados os articulistas que deram duas ou mais conferências, com destaque para Vitor Wilher (12) e Júlio Hegedus (10).

Figura 06 – Frequência dos articulistas (tabela reduzida)



Fonte: *site* do Instituto Millenium (elaboração própria do autor).

Ademais, para fins de melhor caracterizar o perfil do programa, outras propriedades importantes referem-se à formação, experiência profissional e áreas de interesse dos articulistas ligados ao Instituto. O quadro abaixo lista os nomes com maior notoriedade, onde se vê a prevalência de agentes ligados ao mercado financeiro e também aos campos do ensino superior e da mídia corporativa.

Quadro 04 – Propriedades dos articulistas (quadro reduzido)

Nome	Propriedades
Armando Castelar	Professor do Instituto de Economia da UFRJ. Membro do Conselho de Economia da FIESP e colunista dos jornais "Valor Econômico" e "Correio Braziliense".
Carlos Pio	Professor de economia política internacional no Instituto de Relações Internacionais da UnB e professor titular do Instituto Rio Branco.

Demétrio Magnoli	Sociólogo, colunista dos jornais “Folha de S. Paulo” e “O Globo” e comentarista de política internacional do "Jornal das Dez" da Globo News.
Dirceu Pio	Especialista em comunicação empresarial e ex-diretor da "Agência Estado" e do jornal "Gazeta Mercantil”.
Gustavo Franco	Presidente do Instituto Millenium. Foi presidente do Banco Central do Brasil, e também diretor da Área Internacional do Banco Central e Secretário Adjunto de Política Econômica do Ministério da Fazenda, entre 1993 e 1999. É professor do Departamento de Economia da PUC desde 1986.
Guto Belchior	CEO e co-fundador da LILT Cycles. É Presidente do Instituto de Formação de Líderes de São Paulo (IFL-SP).
Hélio Beltrão	Foi executivo do Banco Garantia, Mídia Investimentos e da Sextante Investimentos. É fundador e membro do conselho consultivo do Instituto Millenium e fundador-presidente do Instituto Mises Brasil.
João Wiegerinck	Professor de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
Julio Hegedus	É economista-chefe da Lopes Filho & Associados, empresa de consultoria na área de mercado financeiro e de capitais. É professor de economia da UCAM.
Kleber Zanchim	Professor do Insper Direito.
Leandro Narloch	Jornalista e colunista do jornal "Folha de S. Paulo".
Marcel Van Hattem	É cientista político, jornalista e consultor para relações internacionais. É colaborador regular da Revista Voto. Foi Vereador em Dois Irmãos, no Rio Grande do Sul.
Marcelo Mello	Marcelo Mello é professor de economia do Ibmecc-Rio.
Marcos Troyjo	Diplomata, integrante do Conselho Consultivo do Fórum Econômico Mundial, diretor do BRICLab da Universidade Columbia, pesquisador do Centre d’Études sur l’Actuel et le Quotidien (CEAQ) da Universidade Paris-Descartes (Sorbonne).
Maria Madi	Vice-presidente da Ordem dos Economistas do Brasil. Atualmente é organizadora dos congressos da World Economics Association (WEA), editora da WEA Conference Book Series, do "International journal of economics education" e do WEA Pedagogy Blog, além de pesquisadora do Green Economics Institute.
Mozart Neves Ramos	Professor da UFPE. Foi Secretário de Educação de Pernambuco (2003-2006) e presidente-executivo do Todos Pela Educação (2007-

	2010). É membro do Conselho Nacional de Educação.
Paulo Coimbra	É professor adjunto na Faculdade de Economia da UFJF.
Paulo Gontijo	Presidente do Conselho de Jovens Empresários da Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ).
Priscila Pereira Pinto	É cientista política, pedagoga e foi administradora do Departamento de Notícias da Bloomberg na América Latina.
Ricardo Diniz	Vice-presidente do Bank of America Merrill Lynch Brasil.
Roberta Fragoso	Procuradora do Distrito Federal e professora de direito constitucional e administrativo na Escola da Magistratura do Distrito Federal e na Escola do Ministério Público.
Roberto Luis Troster	Foi economista chefe da Febraban e da ABBC. Professor da PUC-SP e da USP. Consultor de empresas, governos e instituições financeiras no Brasil e no exterior, incluindo o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI).
Rodrigo Constantino	Presidente do Instituto Liberal e membro-fundador do Instituto Millenium (IMIL). É colunista dos jornais “Valor Econômico” e “O Globo”.
Rodrigo Marinho	Advogado, professor de direito, membro do Conselho Editorial da Revista Mises, presidente do Instituto Liberal do Nordeste, membro do Conselho de Administração do Instituto Mises Brasil e Diretor de Operações da Rede Liberdade.
Ronald Otto Hillbrecht	É professor do curso de Economia da UFRGS.
Simon Schwartzman	Professor aposentado e pesquisador do IETS.
Vitor Wilher	É o criador do blog Análise Macro e sócio da MacroLab Consultoria.

Fonte: *site* do Instituto Millenium (elaboração própria do autor).

Considerações finais

Ainda que pelas informações disponíveis sobre o programa não seja possível traçar um perfil mais apurado dos estudantes que solicitam e/ou frequentam as conferências, a partir das informações apresentadas sobre a incidência nos cursos e IES, a hierarquização das temáticas e as propriedades dos articulistas, podemos sugerir que um programa desta natureza carrega em si um viés tático de expansão ideológica. Ao se colocar como uma plataforma para as futuras gerações e como

incubadora de soluções para os problemas de políticas públicas, o programa Imil na sala de aula funciona como instrumento de divulgação amplo e permanente dos interesses liberais de parte da elite econômica com vistas à doutrinação política e ideológica de públicos estratégicos, fazendo ampliar o espaço ocupado e a circulação das suas ideias dentro da sociedade civil. É a elite empresarial, que apesar da crise não perdeu poder econômico, tentando ser sofisticada para recuperar o poder político.

A meta parece ser a formação de novos quadros militantes e lideranças políticas oriundas das fileiras universitárias e comprometidas com a causa da nova direita liberal-conservadora brasileira, a fim de criar uma massa crítica capaz de se diferenciar dos membros da velha direita e fazer frente à oposição de esquerda. Entretanto, isso não é tudo, haja vista que, apesar de endossar o discurso da isenção e do apartidarismo, um dos objetivos formativos deste programa é justamente aperfeiçoar a capacidade de articulação eleitoral e a atuação como futuras *mídias*. A diferença para as ofensivas anteriores é que agora a aposta e os investimentos são no poder invisível exercido pela propaganda produzida pelos think tanks ideológicos. Ao que parece, para criar legitimidade junto da nova direita brasileira, em especial dos entusiastas da agenda liberal, o Instituto Millenium tem se engajado de maneira muito particular, extrapolando a defesa de políticas públicas e a denuncia de problemas públicos a fim de conjecturar para estabelecer ações que revelam outras preocupações relacionadas com a propagação e a reconversão ideológica alinhada com os compromissos do campo conservador.

Referências

APPLE, Michael W. Podem as pedagogias críticas sustar as políticas de direita? Tradução de Maria Lúcia Mendes Gomes, Regina Thompson e Vera Luiza Visockis Macedo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, julho/2002.

BALL, Stephen J. Profissionalismo, gerencialismo e performatividade, **Cadernos de Pesquisa**, vol.35, nº126, São Paulo, 2005.

CAVALCANTE, Sávio Machado. Classe média e conservadorismo liberal. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo. **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. 304 p.

CODATO, Adriano; BOLOGNESI, Bruno; ROEDER, Karolina Mattos. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo. **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. 304 p.

GROS, Denise Barbara. Organizações empresariais e ação política no Brasil a partir dos anos 80. **Civitas**, v. 3, n° 2, jul.-dez./ 2003, p. 273-300.

GROS, Denise Barbara. Institutos liberais, neoliberalismo e políticas públicas na nova república. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 19, n° 54, 2004.

INSTITUTO MILLENIUM. **Carta de Princípios**. Disponível em: <<https://www.institutomillennium.org.br/institucional/carta-de-principios/>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

INSTITUTO MILLENIUM. **Quem somos**. Disponível em: <<https://www.institutomillennium.org.br/institucional/quem-somos/>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

INSTITUTO MILLENIUM. **Imil ensina**. Disponível em: <<https://www.institutomillennium.org.br/imil-na-sala-de-aula/>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

MORAES, Reginaldo. A organização das células neoconservadoras de agitprop: o fator subjetivo da contrarrevolução. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo. **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. 304 p.

SHIROMA, Eneida Otto; GARCIA, Rosalba Maria Cardoso; CAMPOS, Roselane Fátima. Conversão das “almas” pela liturgia da palavra: uma análise do discurso do movimento Todos pela Educação. In: Ball, S. J; Mainardes, J. (orgs.). **Política Educacional:** questões e dilemas. São Paulo: Cortez, 2011.

ROCHA, Camila. Direitas em rede: think tanks de direita na América Latina. In: VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo. **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

Recebido em: 09/10/2018.

Aprovado em 20/12/18.